

A ORAÇÃO DE LOUVOR

Continuemos a catequese sobre a oração, e hoje damos espaço à dimensão do louvor. Inspiramo-nos numa passagem crítica da vida de Jesus. Depois dos primeiros milagres e da participação dos discípulos no anúncio do Reino de Deus, a missão do Messias sofre uma crise. João Batista duvida e faz com que lhe chegue esta mensagem – João encontra-se na prisão: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?”.¹²⁹ Ele sente a angústia de não saber se errou no anúncio. Na vida há sempre momentos escuros, momentos de noite espiritual, e João está a passar um momento como esse. Há hostilidade nas aldeias perto do lago, onde Jesus tinha realizado muitos sinais prodigiosos.¹³⁰ Ora, precisamente naquele momento de desilusão, Mateus relata um acontecimento verdadeiramente surpreendente: Jesus não eleva ao Pai uma lamentação, mas um hino de júbilo: “Bendigo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos”.¹³¹ Isto é, em plena crise, em plena escuridão na alma de tantas pessoas, como João Batista, Jesus bendiz o Pai, Jesus louva o Pai. Mas, por quê?

Antes de mais, louva-o *pelo que é*: “Pai, Senhor do céu e da terra”. Jesus rejubila-se no seu espírito porque sabe e sente que o seu Pai é o Deus do universo e, vice-versa, o Senhor de tudo o que existe é o Pai, “o meu Pai”. O louvor brota desta experiência de sentir-se o “Filho do Altíssimo”. Jesus *sente-se* ilho do Altíssimo.

E, além disso, Jesus louva o Pai *porque prefere os pequeninos*. É o que ele próprio experimenta, pregando nas aldeias: os

“entendidos” e os “sábios” permanecem desconfiados e fechados, fazem cálculos; enquanto os “pequeninos” abrem-se e acolhem a mensagem. Ela só pode ser a vontade do Pai, e Jesus regozija-se com isto. Também nós devemos regozijar-nos e louvar a Deus, porque as pessoas humildes e simples aceitam o Evangelho. Rejubilo-me quando vejo essas pessoas simples, essa gente humilde que vai em peregrinação, que reza, canta, louva, gente à qual talvez faltem muitas coisas, mas a humildade leva-as a louvar a Deus. No futuro do mundo e nas esperanças da Igreja, há sempre os “pequeninos”: aqueles que não se consideram melhores do que os outros, que estão conscientes dos próprios limites e dos seus pecados, que não querem dominar os outros, que em Deus Pai se reconhecem todos irmãos.

Assim, naquele momento de aparente fracasso, no qual tudo é escuridão, Jesus reza, louvando o Pai. E a sua oração leva-nos, também a nós leitores do Evangelho, a julgar de um modo diferente as nossas derrotas pessoais, as situações em que não vemos claramente a presença e a ação de Deus, quando parece que o mal prevalece e não há maneira de o impedir. Jesus, que tanto recomendou a oração de súplica, precisamente no momento em que teria motivos para pedir explicações ao Pai, ao contrário passa a louvá-lo. Parece uma contradição, mas a verdade está nisto.

Para quem é útil o louvor? Para nós ou para Deus? Um texto da liturgia eucarística convida-nos a rezar a Deus do seguinte modo: “Não necessitais do nosso louvor, mas através de um dom do vosso amor chamais-nos a dar-vos graças; os nossos hinos de bênção não aumentam a vossa grandeza, mas obtêm para nós a graça que nos salva”.¹³² Ao louvar somos salvos.

A prece de louvor é útil para nós. O *Catecismo* define-a assim: “Participa da bem-aventurança dos corações puros que o amam na fé, antes de o verem na glória”.¹³³ Paradoxalmente, deve ser praticada não só quando a vida nos enche de felicidade, mas sobretudo nos momentos difíceis, nos momentos escuros, quando o caminho é íngreme. Este é também o tempo do louvor, como Jesus que, no momento escuro, louva o Pai. Pois aprendemos que através daquela subida, daquele caminho difícil, daquela vereda cansativa, daquelas passagens desafiadoras, se consegue ver um novo panorama, um horizonte mais aberto. Louvar é como respirar oxigênio puro: purifica a sua alma, faz com que você olhe para longe, não aprisiona no momento difícil e escuro das dificuldades.

Há um grande ensinamento naquela oração que desde há oito séculos nunca deixou de palpitar, a que São Francisco compôs no final da sua vida: o “Cântico do irmão sol” ou “das criaturas”. O pobrezinho não o compôs num momento de alegria, de bem-estar, mas, pelo contrário, no meio das dificuldades. Francisco estava quase cego e sentia na sua alma o peso de uma solidão que nunca tinha sentido antes: o mundo não mudou desde o início da sua pregação, ainda há aqueles que se deixam dilacerar por disputas e, além disso, ele ouve aproximarem-se os passos da morte. Poderia ser o momento da desilusão, daquela extrema desilusão e percepção do próprio fracasso. Mas, naquele instante de tristeza, naquele momento de escuridão, Francisco reza. De que modo reza? “Louvado sejas, ó meu Senhor...”. Reza louvando. Francisco louva a Deus por tudo, por todos os dons da criação, e até pela morte, que com coragem chama “irmã”, “irmã morte”. Estes exemplos dos santos, dos cristãos, também de Jesus, de louvar a Deus nos momentos difíceis, abrem-nos as

portas de um caminho muito grande rumo ao Senhor e purificam-nos sempre. O louvor purifica sempre.

Os santos e as santas demonstram-nos que podemos louvar sempre, nos momentos bons e maus, pois Deus é o Amigo fiel. Este é o fundamento do louvor: Deus é o Amigo fiel, e o seu amor nunca falha. Ele está sempre ao nosso lado, espera-nos sempre. Alguém dizia: “É a sentinela que está próxima de ti e faz com que vás em frente com segurança”. Nos momentos difíceis e escuros, encontremos a coragem de dizer: “Bendito és tu, ó Senhor”. Louvar o Senhor. Isto nos fará bem.

Audiência geral 13 de janeiro de 2021

CAPÍTULO 20

¹²⁹ Mt 11,3.

¹³⁰ Cf. Mt 11,20-24.

¹³¹ Mt 11,25.

¹³² *Missal Romano*, Prefácio Comum IV.

¹³³ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2639.